

Opinião: O Menino Selvagem | François Truffaut



Título original: L' Enfant Sauvage

Realização: François Truffaut

Atores: François Truffaut, Jean-Pierre Cargol

Gênero: Drama

Classificação: M/12

Outros dados: FRA, 1969, Preto e Branco, 90 min.

Sinopse: Num dia de Verão do ano de 1798, numa floresta francesa, foi encontrada por caçadores uma criança selvagem (designação usualmente atribuída a uma criança que se desenvolveu longe das relações sociais e dos modelos humanos). Levada para Paris,

foi observada pelo mais célebre

psiquiatra da época, Pinel, que a considerou como um idiota irrecuperável e pelo jovem médico Itard que, ao contrário, considerou ser possível recuperar o atraso provocado, não por inferioridade congénita mas pelo seu isolamento total. Para provar a veracidade das suas razões, Itard pediu a tutela desta criança. Assim, na sua casa em Batignoles, com a ajuda da governanta, Madame Guérin, iniciou a difícil tarefa de desenvolver as faculdades dos sentidos, intelectuais e afetivas de Victor, nome pelo qual se passou a chamar esta criança.

Opinião: O filme relata todos os processos que esta criança sofreu desde o dia em que foi levada à força da floresta, até ao momento em que a rejeitou por vontade própria.

Inicialmente, Victor apresentava uma postura muito semelhante à dos animais. Tal como eles, não falava, só se movia com os quatro membros apoiados no chão, a sua alimentação era à base de bolotas, raízes e frutos e repelia o contacto com os humanos. Note-se que era uma criança insensível a variações térmicas extremas (calor e frio), que não reagia a sons mais fortes e estridentes, e que era incapaz de se auto-reconhecer quando via a sua imagem refletida num espelho. Durante a fase inicial do processo de integração no meio humano, o menino evidenciava agitação e revolta, o que dificultava o trabalho do Dr. Itard. Victor

refugiava-se no meio selvagem; recusava-se a tomar banho; não conseguia caminhar calçado e não se habituava a comer de talheres.

Todavia, dia após dia, com o treino intensivo organizado por Itard, Victor começou a superar estas dificuldades.

O professor mostrou-lhe como andar de forma ereta, como caminhar ao seu lado quando passeavam, ao passo que a senhora Guérin o ensinou a comer de faca e garfo, a vestir-se, a cumprimentar as pessoas. Incutiram no menino hábitos de higiene, de alimentação, de sentido do horário. Tendo Victor interiorizado todas estas normas de como estar e ser perante as outras pessoas, este estaria apto a conviver com a sociedade, em geral, como qualquer outro jovem da sua idade. No entanto, esta autonomia nunca se verificou ao longo de toda a vida de Victor. É interessante reparar na forma como estes ensinamentos modificaram a criança, facto que se verifica aquando da sua última fuga. Ao aperceber-se de que já não consegue sobreviver por si próprio, Victor vê-se obrigado a voltar para os cuidados da senhora Guérin.

Para finalizar, algo que me marcou particularmente neste filme foi o facto de Victor, apesar de mostrar alguns sentimentos de homem civilizado, não deixar de se mostrar sensível aos sentimentos relacionados com a sua vida primitiva, como a paixão pela vida em liberdade no campo, o êxtase ao ver a lua cheia ou a reação ao som de um vendaval. Quando chovia, em vez de se abrigar como qualquer outra criança, ficava alegre, corria e saltava ao som da chuva. Por várias vezes, ao longo do filme, o médico interroga-se sobre se arrancar a criança do meio em que vivia terá sido uma opção razoável, pois em certo sentido privou-a da alegria que uma existência simples, ao nível da animalidade, lhe proporcionava. A violência da educação fica bem patente em todo este filme, pois a criança nem se tornou definitivamente num ser humano, nem seria capaz de voltar a sobreviver no ambiente natural. Este dilema atravessa todas as tentativas de resgatar a humanidade nestas crianças e leva-nos a questionar até que ponto é que, encontrados tarde demais, teremos o direito a interferir nas suas vidas.

Beatriz Cordeiro, 12º E